

O PENSAMENTO COMO REDENÇÃO

Constança Marcondes CÉSAR

(PUCCAMP/CNPq)

Dionísio Aeropagita, que a lenda apresenta como um discípulo de São Paulo, convertido perante o Aerópago, é um personagem misterioso. Nós o reconhecemos, hoje, como tendo sido um escritor do século V ou do início do VI; e o importante, hoje, não é mais saber quem escreveu o corpus dionisíaco, mas conhecer a repercussão que esses escritos tiveram na história do pensamento cristão. Pode-se mesmo ler, na **Introdução à Teologia Mística de Dionísio**, escrita por Gozier, que não encontramos “nenhum teórico da mística que não tenha sido, em algum grau, influenciado por esse texto” (Paris, Migne, 1991, p. 15). É a partir das obras de Dionísio que o pensamento de Plotino e de Proclo, a ontologia neoplatônica, vão exercer sua influência no pensamento da Idade Média.

Tomaremos como ponto de partida **A Teologia Mística**, porque esse livro é considerado pelos especialistas como “um resumo da doutrina dionisíaca” (id., *ibid.*, p. 14). Consideraremos também suas **Cartas**.

Pode-se encontrar, na obra de Dionísio, a celebração do Transcendente, que se situa para além de tudo; pode-se discernir, nos seus escritos, o tema do Deus desconhecido, para além de toda forma e o tema do pensamento como redenção, ascese, busca da união com a divindade. É estudando a caminhada da alma em direção a Deus, que se pode encontrar, em Dionísio, a descrição dos diferentes graus que se deve subir. É nos afastando do sensível, é abrindo caminho à compreensão das coisas divinas, por

uma "iniciação" que consiste no exercício da contemplação e na hermenêutica dos símbolos sagrados, que Dionísio afirma a identidade entre o Ser, o Bem e Deus (T. M., III). Mas é superando esse nível da compreensão do Ser na perspectiva intelectual, é buscando o Deus que está para além de tudo, que o Dionísio apresenta o difícil caminho da ascese em direção ao Ser, através de paradoxos, da aliança de termos contraditórios. Esse Deus é encontrado na experiência mística, na Treva que está "além do divino/além do Bem/ (...) a transluminosa Treva do Silêncio (...)/ radiosa e resplandescente Treva" (T. M., I) a qual alcançamos no êxtase.

Manifestação de Deus e retorno a Deus, são expressões do amor.

Amor de Deus pelo mundo, a encarnação do Cristo: expansão do Superessencial no múltiplo, redenção do múltiplo reconduzindo-o ao Uno (Dionísio Aeropagita, Carta III, IV).

Amor do homem a Deus: busca da verdade, da paz, da benevolência e da doçura em relação aos outros homens, imitação "da indizível e insondável bondade (Cartas VIII, I). Esta busca da verdade e de luz é "uma capacidade de acolhimento ao dom de Deus" (Cartas, VIII, II) é também uma busca de domínio de si mesmo: "Começa pois por ordenar em ti, hierarquicamente, desejo, cólera e razão, depois submete-te aos ministros do culto..." (Cartas, VIII, IV). Domínio de si, obediência àqueles que, na vida do mundo, são a imagem do governo da razão na vida da alma.

Esse amor e essa busca de paz são ascese, enquanto libertação das paixões; e são também o primeiro grau na via que conduz ao Superessencial.

Esse amor é também o amor ao conhecimento, à verdade, à sabedoria: é busca e decifração dos símbolos sagrados, meditação sobre "as imagens que tornam visíveis espetáculos indizíveis e extraordinários" (Cartas, IX, II; T. M. III).

Este amor é ainda sair de si, êxtase, busca da "superabundância de Deus além de toda inteligência" (Cartas, IX, V), "via do não-conhecimento", (T. M., I), despojamento,

desprendimento, libertação de tudo, superação do inteligível (T. M., III). Esse caminho ascético é busca da união e da celebração da Causa que está além de toda coisa sensível (T. M., I, III), e de todo inteligível; celebração da "excelência Daquele que é absolutamente livre/ e além de tudo (T. M., V).

Sabedoria e virtude são pois indissoluvelmente ligadas em Dionísio: a busca da paz, a abstenção das paixões: (aqueles que) "tornando-se companheiros dos anjos bons e os seguindo, viverão (...) aqui numa paz perfeita" (Carta VIII, V), no repouso perfeito, "levando entre os homens uma vida angélica, isenta de toda paixão"; "amam apaixonadamente a Verdade, porque abandonam suas inclinações ao que é material" (Carta X). Imitando o superior, estas pessoas sábias imitam a bondade de Deus e se aproximam dele. A via da ascese é a via de um retorno ao Indizível, à imensidão inefável "Daquele que transcende tudo o que é conhecido" (Carta I).

Sabedoria e verdade, justa medida, domínio de si: como não reconhecer aí antiga tradição órfico-pitagórica, a tradição platônica e mesmo o pensamento de Plotino?

Desprendimento e redenção, tais são as lições que repercutem, do fundo dos séculos, no pensamento de Dionísio.

Com efeito, podemos reencontrar, na ontologia neoplatônica de Plotino, essa concepção de um Deus, de um Princípio, de um Bem que se acha "além do ser, além do ato, da inteligência e do pensamento" (...) ele "é a realidade à qual tudo aspira" (Plotino, *Enéadas*, I, VII, 1-2; II, IX, 7-9). Deste Princípio, que em Plotino se chama Uno, decorre toda a multiplicidade dos seres (*Enéadas*, II, IX, 4); como uma fonte ou como uma árvore, essa potência se desdobra em muitos rios, em muitos galhos, isto é, em muitos serem sem se esgotar (*Enéadas*, II, VIII, 10). Todo ser nasce dessa realidade primordial; todo o ser aí retorna (*Enéadas*, II, VIII, 10).

O Retorno ao Uno se faz através de formas cada vez mais perfeitas de contemplação: "a contemplação é um progresso da natureza à alma e da alma à inteligência" (*Enéadas*, II, VIII, 8); essa

contemplação se resolve no êxtase, que conduz a alma à união com o Uno.

Esta busca é guiada pelo amor ao conhecimento e o amor ao Bem: “Todo desejo é desejo de conhecer” (*Enéadas*, II, VIII, 7) e “o desejo e a atividade (dos seres) se dirigem ao Soberano Bem” (*Enéadas*, I, VII, 1).

Gadamer, no seu estudo sobre Plotino (*Studi Platonici*, Casalle Monferrato, Marietti, 1984, p. 279 - 290) põe em relevo a nova concepção do ser, proposta por Plotino: o ser é encarado não mais como idéia, essência, substância, mas como *dynamis*, força viva. Essa nova concepção do ser gira em torno do conceito de emanção, transbordamento de uma fonte inesgotável, o Uno primordial, vida primeira, transcendência além de todo conceito.

A outra direção do drama cósmico da emanção é o retorno, a ascensão em direção ao Uno, a ascensão em direção ao Bem.

Plotino descreve esse grande movimento cósmico, no qual a alma individual, cheia de nostalgia, busca sua verdadeira pátria. Essa busca é uma gnose, que conduz a alma errante à união mística e à contemplação do Uno, último grau do movimento de retorno. Cada ser está no caminho do retorno e Gadamer chama, assim, a metafísica de Plotino de “doutrina do ser enquanto retornante” (Gadamer, *op. cit.*, p. 290).

É essa concepção do ser, o ser enquanto *dynamis*, enquanto movimento de retorno em direção a um Deus inefável, que reencontramos em Dionísio. E também a meditação a respeito de um princípio que se acha “além do ser”, que Plotino denomina o Uno, assinalando, com essa palavra, “a negação do múltiplo”, que “os pitagóricos (...) designavam simbolicamente, entre eles, por Apolo, que é a negação da pluralidade (*Enéadas*, IV, IX, 3B); em Dionísio, esse Princípio se chama “o Superessencial”, “a Treva resplandescente”.

Em Plotino, o caminho da sabedoria é também um caminho de conhecimento; é o caminho da inteligência e da contemplação, que desemboca no êxtase; em Dionísio, o caminho

da sabedoria é o caminho do amor e da busca da verdade, que desemboca no êxtase e no não-conhecimento, isto, é, na união mística com "Aquele que é absolutamente livre/ e além de tudo " (T. M., I).

Em Plotino e em Dionísio, o caminho da sabedoria é o caminho da filosofia, encarada como **regra de vida**, ética, busca da virtude, do desprendimento e da redenção.

De um lado, um panteísmo emanatista; do outro, um Deus cristão, o Deus desconhecido do qual só nos aproximamos pela ascese e pelo amor: dos dois lados dessa tradição que ressoa do fundo das idades na obra de Platão, de Plotino, de Dionísio, de Santo Agostinho, encontramos a mesma busca de libertação e de transcendência, a mesma celebração da imensidão inefável "Daquele que transcende tudo o que é conhecido" (Carta I).